

linear e orientado pelo tempo circular, do monoteísmo pelo paganismo ou pelo panteísmo, do humanismo de liberdade pelo humanismo de protecção, da democracia pelo consenso, do fervor pela lassidão, e assim sucessivamente. No seio de uma tal cultura as pessoas vão-se habituando a viver numa serena resignação, que para os cristãos foi sempre vista como uma traição ao seu Evangelho, mas que para o novo homem pós-cristão é antes como a realização de um velho sonho, sendo parte da sua própria «sabedoria».

Seis densos capítulos estruturam o discurso de Chantal Delsol. No primeiro, «Fé e sabedoria», ela evidencia o contraste entre a «loucura da fé», que implica ruptura com a mundana cultura envolvente, e as «sabedorias» que hoje se cultivam, à maneira de plantas que crescem num campo de ruínas. No segundo, é a vez de realçar a substituição do verdadeiro (com a sua busca sucessivamente sujeita a desilusões e a profanações) pelo útil (com a difusão das correspondentes filosofias pragmatistas e utilitaristas (Dewey, Rorty, Vattimo, etc.)). O terceiro capítulo procede à constatação de que, à falta de verdades solidamente fundamentadas, o homem contemporâneo acaba por assumir como referências para a vida «verdades» que circulam por aí, apoiadas na tradição, na moda cultural, enfim na repetição. São os mitos da cultura que está aí, mesmo que não haja consciência do seu carácter e valor de (puros) mitos. No quarto capítulo Chantal Delsol analisa a ideia de progresso na imanência deste mundo, proveniente das Luzes, em sua conjugação com o recorrente sentimento de decadência e as profecias apocalípticas, que acabam por reduzir o tempo linear e progressivo ao antigo tempo circular, sem verdadeira saída. Daí o colapso das utopias, o fim da esperança, a ideia de combate, a expectativa de catástrofes, o culto do presente. O quinto

capítulo versa sobre a substituição da verdadeira democracia pela prática do consenso. Não é já uma democracia onde, como bem supremo, se procure a justiça, mas sim a paz. E não é obra de pessoas acima de tudo sábias e honestas, mas de gestores habilidosos na conquista do poder. No último capítulo a autora ensaísta descreve a situação presente no mundo ocidental como situação de decomposição das grandes arquitecturas de sentido que conduz as pessoas a se refugiarem na «tebaida» do próprio eu, sem referências nem de grandes religiões nem de ideologias, mas na simples existência sem finalidade (sobretudo sem esperança numa apoteose), encontrando a sua (única) alegria no ordinário e a significação do existir no que era outrora insignificante. Uma situação de solidão que não deixa de abrir a brecha do desejo de comunhão através da fusão panteística no grande Todo.

Chantal Delsol procede a toda esta análise da «era da renúncia» com muita subtilidade de observação, muito apoio de conhecimentos filosóficos e muita capacidade crítica. Escreve num estilo agradável, em que se adivinha facilmente o dom da escrita no feminino. Oferece assim ao leitor e sobretudo ao estudioso da condição profundamente alterada da cultura ocidental preciosas chaves de compreensão.

JORGE COUTINHO

PELLUCHON, Corine, **Éléments pour une éthique de la vulnérabilité. Les hommes, les animaux, la nature**, coll. « Humanités », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 310 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08824-4.

Corine Pelluchon, doutora em filosofia, professora universitária, investigadora e

conferencista, especializada em filosofia política e em ética aplicada, enfrenta neste livro o lado político da problemática ecológica. Parte do princípio de que esta não terá respostas que valham se tudo ficar pelas boas intenções, sem mudanças no nosso estilo de vida. Para isso torna-se necessário saber que ética e que transformações na própria democracia podem conduzir a tomadas de posição à altura daquela problemática. Na sua proposta de uma «ética da vulnerabilidade» trata-se, no fundo, da instauração de um humanismo renovado, em que se preserve a saúde da terra e em que os humanos não imponham aos demais humanos nem às outras espécies uma vida diminuída.

Numa primeira parte do seu livro procura conjugar ecologia e filosofia (algo em que parece haver um grave défice) refletindo sobre dois grandes temas: a ética da terra e a ecologia política. Procura realçar a importância da chamada ecologia profunda, em que se torna necessário «pensar como uma montanha» (saber o que é bom para ela, coisa que *a priori* não sabemos) e apresenta normas e prioridades ecológicas, bem como a teoria do valor de Rolston. Trata da relação que deve haver entre as ciências e a sociedade, da necessidade de outra cultura política e da necessária incidência das escolhas dos cidadãos na avaliação democrática das escolhas científicas e tecnológicas.

Na segunda parte procura vias para uma renovação da relação entre os humanos e os animais, com uma decorrente revisão do conceito e do âmbito da justiça. Diante de nós coloca o sofrimento dos animais, denunciando, a propósito, as contradições do direito. Com o apoio de Darwin realça a continuidade entre os seres vivos, propõe um humanismo da alteridade e apela à passagem da mera compaixão à responsabilidade, uma atitude que pode ter

como factor de mobilização a consciência da fragilidade do belo e do bem (p. 217).

A terceira e última parte incide sobre a organização do trabalho e a solidariedade. Em relevo são aí tratadas coisas como a negação da realidade e a distorção comunicacional, a vulnerabilidade ao mal e o mal como contaminação. Mas também a relação entre cultura e educação, com a noção de cultura como amor ao mundo, a necessidade de conjugar educação e avaliação, e o positivo (ou a força) da vulnerabilidade que, como expressão radical da alteridade, apela a atitudes de altruísmo através das boas práticas que obrigam o ser humano a sair do seu próprio casulo.

Com abundante bibliografia e índice de autores.

JORGE COUTINHO

BAUMGARTNER, Maria Grazia, **Abel, dov'è tuo fratello? Il contributo della logoterapia di Viktor Frankl alla comprensione del principio «responsabilità»**, coll. «Studi e ricerche», Ancora Editrice, Milano, 2011, 278 p., 240, 170, ISBN 978-88-514-0927-2.

Encontramo-nos perante um estudo resultante de investigação para o grau de doutoramento da autora. Objeto desse estudo são aspectos fundamentais da logoterapia de Viktor Frankl: a problemática do sentido na vida humana e o «princípio responsabilidade». É sobretudo este segundo que, de forma direta, está por detrás do título «Abel, onde está o teu irmão?» Segundo o pensador austríaco, a motivação primária do agir humano não é a satisfação do prazer ou do poder, mas a vontade de sentido para o seu existir, que se manifesta na contínua tensão entre as circunstâncias